

7.] geral, uma idéa parece lampear ainda no seu espírito: Quarenta e oito horas depois de nosso último manifesto, se constituirá o partido dos operários. O futuro nos pertence". Pronunciando estas palavras enigmáticas, leva a mão à cabeça e dá o último suspiro.

Por ter tentado pensar até o fim as numerosas idéias emitidas ao acaso e de modo incoerente, pelo conde, no decorrer de sua vida, foi que Auguste Comte enlouqueceu. Outros viveram delas, explorando-as em grossos livros ou fundaram, nelas, novas religiões. Dêsse modo, os "aperçus" de Saint Simon se transformaram numa inesgotável mina e numa reserva espiritual para uma época inteira.

Entretanto, aquele último "aperçu" oraculizado, sob o espanto de seus discípulos, um minuto antes de sua morte, vem, até agora, seriamente atrapalhando o mundo. A-pesar-de ter vindo, mais tarde, alguém que transformou a sentença de Saint Simon moribundo num sistema ainda mais grandioso do que aquele que Auguste Comte tirou dos numerosos "aperçus" de Saint Simon vivo, êsse assunto anda sempre em foco e sem que a humanidade até agora o tenha resolvido nem esgotado. Porque as últimas palavras do conde passaram a ser as primeiras duma nova época — "O partido dos operários" — esta idéa abre um novo capítulo na história da humanidade.

* * *

No ano de 1848, Paris já tinha definitivamente acordado do sonho da constituição liberal. E já aos olhos do povo a cabeça não unguida do rei burguês havia tomado a ridícula forma duma "pera" em que a metamorfoseara o lapis malicioso e feroz do desenhista Daumier. Cada um por seu turno, os outros defensores da "harmonia dos interesses", da "economia livre" e do estado liberal "gendarme" haviam sido desmascarados. O público já os identificava com as caranthenas fantásticamente arrogantes e más de que Daumier havia provido os ministros, os banqueiros e os deputados da monarquia de julho.

E assim, Paris irritada toma agora pela terceira vez o caminho das barricadas e da praça de Grève. Segundo o velho costume, os sinos tocam a rebate e é só no último momento que Luiz Filipe consegue escapar por um portãozinho dos fundos e tomar uma caleche que o leva para o estrangeiro.

Acima das vagas sombrias da imensa multidão que, naquela noite memorável de 24 de fevereiro de 1848, se apinha na praça de Grève, à luz das tochas, alça-se, trepando aos ombros de alguns operários vigorosos, um homem de pequena estatura, a gesticular violentamente, que se empenha com afoiteza em dominar o barulho do povo excitado, gritando por cima das baionetas que o cercam, refulgentes e vermelhas ao reflexo dos archotes.

Em seguida, enquanto, na sala de festas do Hôtel-de-Ville, se reúne o novo governo revolucionário afim de fazer confirmar seu mandato pelo povo agitado reunido lá fóra, eis que de repente, coronhadas de fuzis reboam contra as portas da sala. Em meio duma escolta brandindo archotes, aparece o homem que, na rua, se havia içado nos ombros dos operários e, sem se importar com os novos ministros que olham espantados para êle, senta-se, com a maior naturalidade do mundo, juntamente com êles, à mesa das deliberações.

O leader socialista Luiz Blanc, que se empossa, dessa maneira, como o primeiro representante dos operários num governo europeu, havia já oito anos antes advogado o direito de todos os homens a obter trabalho e subsistência. Era na época em que Carlyle, no seu trabalho sobre o movimento dos cartistas ingleses, declarava vã e votada ao insucesso qualquer tentativa do operariado de se libertar, mercê de suas próprias forças, da situação desesperada em que se estava debatendo. Essa "classe numerosa, muda, profundamente enterrada" que, segundo a expressão de Carlyle, jaz lá "como um Encelado que, quando se estorce de dôr, provoca tremores de terra" se há transformado agora no "partido dos operários" profetizado por Saint Simon e reivindica a parte que lhe cabe na direção dos negócios políticos.

Junto com Albert, o chefe dos tecelões de sêda lioneses que se tinham revoltado contra seus exploradores, ao grito de "viver trabalhando ou morrer combatendo!", Luiz Blanc está sentado agora, na sala forrada do Palais de Luxembourg, numa poltrona de damasco ocupada até então somente pelos representantes da nobreza e da finança. Mais em baixo, na praça de Grève, as vitoriosas bandeiras vermelhas do proletariado tremulam em lugar das tricolores.

Sem perda de tempo, Luiz Blanc e seus colegas operários entregam-se à tarefa de sanar as injustiças até então infligidas aos pobres por uma minoria de ricos. "O governo da República Francesa" reza a primeira proclamação do governo provisório, "assume o compromisso de garantir a subsistência dos operários pelo trabalho. Obriga-se a fornecer ocupação a todos os cidadãos".

Enquanto Paris se empenha em cumprir essa promessa, fundando "oficinas nacionais", dir-se-ia que tôda a Europa quer, outra vez, seguir o exemplo dos franceses. Na Inglaterra, na Alemanha, por tôda parte, associações de trabalhadores, uniões socialistas e uniões operárias esforçam-se por combater o desemprego, por obter horários de trabalho suportáveis e salários humanitários, para assim banir, por conseguinte, a iminente catástrofe oriunda da era das máquinas, de modo que o mundo não saia dos eixos e que a humanidade dividida em campos adversos volte finalmente à união.